
Identidade amazônica na literatura Catando Piolhos – contando histórias: relação com a disciplina de Língua Portuguesa

Amazonian identity in literature Catching lice – telling stories: relationship with the Portuguese Language discipline

Andressa Aline de Queiroz Sena
Fabrício Valentim da Silva
Márcio de Oliveira
Universidade Federal do Amazonas (UFAM)
Manaus-Brasil

Resumo

Este artigo tem como objetivo analisar conceitos relacionados à identidade amazônica no livro *Catando Piolhos, Contando Histórias* do autor Daniel Munduruku e sua relevância para as aulas de língua portuguesa das turmas de 4º e 5º ano do Ensino Fundamental. Para atingir o objetivo, o presente estudo foi desenvolvido a partir de um estudo documental e uma metodologia que consiste em uma abordagem qualitativa, de análise de conteúdo temática, com base no método de Bardin. Conclui-se que na obra analisada é possível identificar elementos culturais e sociais que dizem respeito ao povo amazônico, bem como é apresentada essa diversidade para os leitores. Em vista disso, o livro pode ser considerado como relevante e eficiente para ser apresentado e discutido em sala de aula, sobretudo em temas como identidade, preservação da natureza, diversidade cultural e social, formação do leitor literário.

Palavras-chave: Amazônia; Identidade; Literatura.

Abstract

This article aims to analyze concepts related to Amazonian identity in the book *Catando Piolhos, Contando Histórias* by Daniel Munduruku and its relevance for Portuguese language classes in the 4th and 5th grades of elementary school. To achieve this objective, the present study was developed based on documentary research and a methodology consisting of a qualitative approach, using thematic content analysis based on Bardin's method. The analysis concludes that in the work studied, it is possible to identify cultural and social elements related to the Amazonian people, as well as how this diversity is presented to readers. In light of this, the book can be considered relevant and effective for presentation and discussion in the classroom, particularly on topics such as identity, nature preservation, cultural and social diversity, and the development of the literary reader.

Keywords: Amazon; Identity; Literature.

1 Introdução

Este estudo teve como objetivo central analisar os conceitos relacionados à identidade amazônica no livro *Catando Piolhos, Contando Histórias* do autor Daniel Munduruku e sua relevância para as aulas de língua portuguesa das turmas de 4º e 5º ano do Ensino Fundamental. De início, é fundamental registrar que nos últimos anos temos acompanhado inúmeros estudos que se debruçam para pensar as identidades amazônicas. Isso é bastante positivo, sobretudo porque acaba por dar visibilidade ao tema. Sob as mais variadas perspectivas, podemos destacar a pesquisa de Rodrigues (2006), por exemplo, que discutiu algumas questões relacionadas às essencializações e reificações presentes nos processos de construção de identidades e reivindicações de diferenças culturais no mundo contemporâneo, com destaque à questão da identidade (ou não-identidade) do caboclo amazônico; nesse sentido, Silva et al (2016) problematizaram as dificuldades enfrentadas pelos indígenas durante a permanência em uma Casa de Saúde Indígena na região Amazônica/Brasil; enquanto que Maluschke (2006) investigou a estrutura e dinâmica de famílias pertencentes a uma comunidade ribeirinha na região Amazônica, seu funcionamento interno, assim como as interações familiares com o contexto cultural no qual elas estão inseridas.

A região amazônica é repleta de especificidades, envolvendo diferentes estados, como Acre, Amapá, Amazonas, Pará, Roraima, Rondônia, Mato Grosso, Maranhão e Tocantins e também os países: Brasil, Bolívia, Colômbia, Equador, Guiana, Guiana Francesa, Peru, Suriname e Venezuela. É repleta de muita natureza, povos e culturas. Colares, Perez e Cardozo (2018, p. 3) afirmam que:

além da exuberância natural, é também muito acentuada a diversidade de povos, e de culturas, as quais merecem respeito e atenção no tocante a conhecer para preservar, valorizar, tanto as espécies da flora e da fauna, quanto às manifestações e os saberes.

Em vista disso, é muito importante pensar na valorização da região amazônica e de tudo que dela faz parte. Freitas e Freitas (2018, p. 285) também afirmam sobre a Amazônia: *“This region supports the area of greatest social diversity and biodiversity in the world and is home to one third of rain forests and one-fifth of the Earth’s surface fresh water”*ⁱ. No presente trabalho discute-se acerca da Amazônia brasileira, mais especificamente dos estados do Amazonas e Pará. Nos vários municípios desses dois estados, a diversidade de povos e

culturas é algo indiscutível. Dentre eles estão os ribeirinhos, quilombolas, indígenas de diferentes comunidades e outros. Sousa e Colares (2022, p. 15) afirmam:

A multiplicidade de seus povos indígenas, quilombolas, ribeirinhos, caboclos e até imigrantes em um amplo território, caracterizado pela mais rica biodiversidade do planeta, coloca-nos em uma posição de grande responsabilidade, dado que nós, povo amazônida, temos um compromisso com este chão que é a nossa casa-mãe.

Cada um desses povos apresenta muitos conhecimentos e vivem de acordo com sua cultura e costumes. Muitas das atividades e dos hábitos são passados de geração para geração e são essenciais para a harmonia da comunidade. É importante destacar também que muitos indígenas pertencentes à região amazônica vivem em regiões isoladas, de difícil acesso, por exemplo: “No contexto de indígenas vivendo em região isolada [...] tem sido o caso do Xingu do Rio Negro e da área Yanomámi” (Diehl; Langdon; Dias-Scopel, 2012, p. 823).

Logo, é imprescindível pensar na necessidade de valorização e conhecimento sobre a região amazônica. Considera-se muito importante que cada vez mais pesquisas sejam realizadas, de modo a compartilhar o conhecimento, discutindo as especificidades dos povos e refletindo sobre a valorização e suas necessidades, seja na saúde ou educação, pois:

[...] apesar de toda a sua riqueza, apresenta uma baixa qualidade de vida, confirmada pelos indicadores sociais e econômicos, marcada por conflitos sociais, interesses políticos, uso predatório dos recursos naturais, presença quase que inexistente do Estado e dos serviços públicos básicos e necessários à população, precariedade na infraestrutura nas diversas áreas da região, pela falta de oportunidades e dificuldades de acesso à educação [...] (Sousa; Colares, 2022, p. 2).

Dessa maneira, o autor Daniel Munduruku em seu livro *Catando Piolhos, Contando Histórias*, publicado em 2006, apresenta a região amazônica em suas narrativas. Retratando o povo Munduruku, que é um povo indígena, do estado do Pará, mostra elementos da sua cultura, sociedade, hábitos, alimentos, animais e natureza. Essa obra literária foi utilizada nas turmas de 4º e 5º ano do Ensino Fundamental no ano de 2018, a partir do Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD) Literário. O PNLD, de acordo com o Art. 1º do Decreto 9.099/2017:

Art. 1º – O Programa Nacional do Livro e do Material Didático - PNLD, executado no âmbito do Ministério da Educação, será destinado a avaliar e a disponibilizar obras didáticas, pedagógicas e literárias, entre outros materiais de apoio à prática educativa, de forma sistemática, regular e gratuita, às escolas públicas de educação básica das redes federal, estaduais, municipais e distrital e às instituições comunitárias, confessionais ou filantrópicas sem fins lucrativos e conveniadas com o Poder Público (Brasil, 2017, p. 1).

Análise de conteúdo qualitativa da obra literária Catando Piolhos Contando Histórias: um estudo documental

Desse modo, o PNLD Literário diz respeito aos livros de literatura que são selecionados e enviados para as escolas públicas do país. No ano de 2018, uma das obras escolhidas foi *Catando Piolhos, Contando Histórias*, conforme citado anteriormente, que será utilizada no presente texto para que se alcance o objetivo de analisar conceitos relacionados à identidade amazônica nessa obra literária e discutir sua relevância para as aulas de língua portuguesa. Ainda, objetiva-se especificamente: discutir a noção de pertencimento a partir dos elementos sociais e culturais, apresentados na obra; analisar as categorias identificadas no livro relacionando-as a conceitos que dizem respeito à identidade amazônica e, por fim, discutir a relevância dessa literatura para as aulas de língua portuguesa.

A metodologia da pesquisa consiste em uma abordagem qualitativa, a partir de um estudo documental com base no método de Bardin, de análise de conteúdo qualitativa temática, sendo o tipo temático considerado por Bardin (1977, p. 51) como: “[...] o método mais fácil, mais conhecido e mais útil numa primeira fase de abordagem da maioria dos materiais [...]”. A amostragem documental é a obra literária *Catando Piolhos, Contando Histórias* do autor Munduruku (2006). Dessa forma, o artigo se divide em introdução, primeira parte da discussão: A identidade amazônica a partir dos elementos culturais e sociais, depois a segunda parte: *Catando Piolhos, Contando Histórias* nas aulas de língua portuguesa das turmas de 4º e 5º ano do Ensino Fundamental e por fim: conclusão e referências.

2 A identidade amazônica a partir dos elementos culturais e sociais

Ao longo dos anos estão sendo desenvolvidas cada vez mais pesquisas sobre a região amazônica. Atualmente muitas delas buscam ter o cuidado de retratar essa região de acordo com sua realidade, respeitando e valorizando suas especificidades. No entanto, quando se estuda acerca da Amazônia, é importante ter o cuidado de não defender uma visão estereotipada ou até preconceituosa, porém, sobre esses estudos: “Mesmo que alguns possam conter equívocos, imprecisões e sejam carregados de ideologia, é importante que sejam lidos e analisados, com honestidade intelectual e abertura para reconhecer contribuições relevantes, para efeito de concordância ou de negação/contestação”. (Colares; Perez; Cardozo, 2018, p. 14). Sendo assim, é fundamental que os materiais sobre a realidade amazônica se tornem cada vez mais conhecidos e acessados, até mesmo para que aqueles que contêm imprecisões possam ser discutidos e revisados. Colares, Perez e Cardozo (2018, p. 14) enfatizam a respeito das produções sobre a Amazônia:

O conjunto de produções sobre a Amazônia, passando por suas diferentes fases, até aos estudos da atualidade, constituem fontes essenciais para quem deseja compreender a realidade educacional desta região em uma perspectiva de totalidade. A leitura dos escritos, desde as cartas e relatos iniciais, com o necessário cuidado em observar as motivações, os interesses, e as visões preconcebidas, podem nos revelar importantes aspectos de nosso passado que ainda perdura, de forma positiva ou negativa. As lutas e as conquistas, a até mesmo as derrotas, carregam lições a aprendizados que podem se constituir em verdadeiras chaves para a solução de problemas da nossa atualidade.

No presente artigo, portanto, destaca-se o livro *Catando Piolhos, Contando Histórias* de Munduruku, publicado em 2006, como uma obra que apresenta a Amazônia, contendo diversos elementos culturais e sociais do povo indígena Munduruku que reside na região, no interior do Pará, no município de Jacareacanga. São apresentadas nas narrativas memórias de infância, de uma criança indígena desse povo, bem como ensinamentos, reflexões e conhecimentos sobre essa comunidade e a natureza. Tendo em vista o objetivo inicial da pesquisa de discutir a respeito da noção de pertencimento a partir dessa obra, a temática do livro foi dividida em duas categorias: os elementos culturais e os elementos sociais pertencentes ao povo Munduruku. No quadro abaixo é possível conferir a quantidade de vezes que foram identificados esses elementos no livro analisado e também alguns trechos que os exemplificam.

Quadro 1 – Categorias da análise de conteúdo qualitativa temática

Categoria	Quantidade	Alguns trechos do texto
Elementos culturais	23	<p>“[...] minha mãe mandava que eu fosse ao igarapé tomar um gostoso banho para tirar o suor do corpo” (p. 7)</p> <p>“[...] é preciso esperar a noite com o corpo limpo, perfumado.” (p. 7)</p> <p>“Todos nós tínhamos que fazer um respeitoso silêncio quando algum adulto, especialmente se fosse já um avô ou avó, falava. Eles falavam e a gente ouvia” (p. 15)</p> <p>[...] é preciso estar atento aos sinais da natureza. Ela nos revela quem somos e qual o melhor caminho a seguir” (p. 15)</p> <p>“Na aldeia acordamos sempre muito cedo. É costume. Faz parte do nosso jeito.” (p. 16)</p> <p>“Acordamos cedo para poder aproveitar bem o dia e para que possamos realizar todas as importantes tarefas cotidianas: ir à roça coletar raízes, coletar frutas no mato, preparar farinha, caçar, pescar.” (p. 16)</p> <p>“É a hora de brincar no igarapé, subir nas árvores ou simplesmente ficar brincando de atirar flechas para o ar ou nas árvores e bananeiras que cercam a aldeia.” (p. 17)</p>

Análise de conteúdo qualitativa da obra literária *Catando Piolhos Contando Histórias: um estudo documental*

		<p>“É o momento de observarmos o lugar onde vivemos e conhecer os arredores.” (p. 17)</p> <p>“[...] normalmente nossas mães estão sentadas na frente de casa trançando paneiros, pintando as crianças pequeninhas.” (p. 17)</p> <p>“[...] o sol já começava a iniciar sua descida para o mundo dos sonhos” (p. 18)</p> <p>“[...] brincando sob a grande mangueira que existe na parte de baixo da aldeia.” (p. 21)</p> <p>“Subimos no primeiro galho e ficamos ali chupando manga com farinha.” (p. 22)</p> <p>“Nós consideramos os velhos e as velhas como gente muito sabida, pois são eles e elas que garantem que o mundo todo viva equilibrado” (p. 25)</p> <p>“[...] a floresta, embora seja nossa amiga e parente, esconde mistérios e segredos que ainda não conhecemos” (p. 26)</p> <p>“Numa aldeia, é papel do homem educar o menino nas artes de caça e pesca” (p. 32)</p> <p>“Como é hábito de nossa gente, antes de sair da aldeia os homens fizeram uma preparação cantando e dançando, pedindo proteção e sorte.” (p. 33)</p> <p>“[...] todos pintaram o corpo com urucum para se proteger dos insetos e entraram na floresta.” (p. 33)</p> <p>“[...] cheguei junto de minha avó enquanto ela confeccionava um cesto novo. Seus dedos ágeis teciam as telas de bambu com tanta velocidade que era difícil acompanhá-la.” (p. 37)</p>
<p>Elementos sociais</p>	<p>22</p>	<p>“[...] éramos recebidos com o saboroso alimento preparado por nossas mães.” (p. 7)</p> <p>“[...] contávamos para todos os adultos presentes tudo o que havíamos feito durante o dia.” (p. 7)</p> <p>“Aquele era um exercício de participação na vida de nossa comunidade familiar.” (p. 8)</p> <p>“Quem vive numa aldeia sabe que todos são responsáveis por tudo. Ninguém está isento de contribuir para que todos vivam bem e sejam o mais felizes possível. É uma forma encontrada para que ninguém se arvore o direito de se achar melhor que o outro e quebre, por isso, a harmonia.” (p. 10)</p> <p>“[...] tínhamos o apoio de nossos pais e a proteção de toda a comunidade.” (p. 16)</p> <p>“Ficamos totalmente entregues ao carinho mágico de nossas mães, que não param de nos acariciar a cabeça atrás dos teimosos piolhos.” (p. 18)</p> <p>“Só se você quiser ser um grande guerreiro para seu povo.” (p. 19)</p>

		<p>“[...] em nossa aldeia todos estamos ligados aos acontecimentos.” (p. 21)</p> <p>“[...] somos uma família. Todos tomam conta de todos por aqui.” (p. 21)</p> <p>“Gostamos das pessoas mais velhas e as respeitamos porque acreditamos que elas nos indicam um caminho que podemos seguir com passos seguros.” (p. 25)</p> <p>“Um dia ele reuniu todos nós e nos contou como foi seu encontro com o espírito da onça.” (p. 26)</p> <p>“É o homem que ensina e a comunidade toda educa.” (p. 32)</p> <p>“Só que ele não estava ali apenas para tirar piolhos. Ele estava ali para contar histórias também.” (p. 32)</p> <p>“[...] nossas avós [...] funcionam como “antenas” da comunidade, pois sabem ouvir e dar conselhos a todas as pessoas.” (p. 37)</p> <p>“Elas têm um carinho especial pelas crianças. Gostam de ensinar, contar histórias enquanto tecem os cestos ou confeccionam artefatos de barro.” (p. 37)</p>
--	--	---

Fonte: os autores (2024)

É possível identificar que a natureza é um elemento muito presente na obra, pois além de ser o local onde o povo vive, é também um espaço de diversão, trabalho, mistério, admiração e respeito. Muitos trechos do livro estabelecem relação com a natureza. Por exemplo: “[...] minha mãe mandava que eu fosse ao igarapé tomar um gostoso banho para tirar o suor do corpo” (p. 7); “[...] é preciso estar atento aos sinais da natureza. Ela nos revela quem somos e qual o melhor caminho a seguir” (p. 15); “[...] que possamos realizar todas as importantes tarefas cotidianas: ir à roça coletar raízes, coletar frutas no mato, preparar farinha, caçar, pescar” (p. 16); “É a hora de brincar no igarapé, subir nas árvores ou simplesmente ficar brincando de atirar flechas para o ar ou nas árvores e bananeiras que cercam a aldeia.” (p. 17); “[...] brincando sob a grande mangueira que existe na parte de baixo da aldeia” (p. 21); “[...] a floresta, embora seja nossa amiga e parente, esconde mistérios e segredos que ainda não conhecemos” (p. 26). Esses trechos do livro exemplificam a relação que o povo estabelece com a natureza. Lima (2008, p. 4) afirma que essa relação entre o povo da floresta e a natureza os permite:

[...] desvendar os segredos da fauna, da flora, dos rios e da relação entre estes e o homem. Não significa apenas identificar o número de plantas, pássaros, mamíferos, insetos, mas, através da observação e experimentação rigorosa, perceber e ouvir a voz da natureza no seu conjunto para melhor dialogar com ela. A profunda familiaridade com o meio botânico em comunhão com uma observação minuciosa

Análise de conteúdo qualitativa da obra literária Catando Piolhos Contando Histórias: um estudo documental

permite ter conhecimentos exatos, pautados em pesquisas exaustivas, que envolvem raciocínio, especulação e intuição.

Sendo assim, é possível perceber que o povo faz parte da natureza, pois é nela e a partir dela que vivem e crescem, há, portanto, pertencimento e conexão com esse ambiente. Mais uma vez, Lima (2008, p. 7) enfatiza que os indígenas “[...] conseguem não somente entender a complexidade da natureza, mas, principalmente, sentir-se, de fato, um elemento constituidor dela [...]”.

Além da natureza, mas que ainda está ligado a ela, outro aspecto que pertence à cultura do povo indígena são os objetos e instrumentos utilizados pela comunidade. Em alguns fragmentos do texto observa-se: “[...] normalmente nossas mães estão sentadas na frente de casa trançando paneiros, pintando as crianças pequenininhas” (p. 17); “Colocou o maracá sobre o corpo [...]” (p. 27); “[...] todos pintaram o corpo com urucum para se proteger dos insetos e entraram na floresta” (p. 33); “[...] cheguei junto de minha avó enquanto ela confeccionava um cesto novo. Seus dedos ágeis teciam as telas de bambu com tanta velocidade que era difícil acompanhá-la” (p. 37); “[...] enquanto tecem os cestos ou confeccionam artefatos de barro” (p. 37). Os trechos citados apresentam um pouco da realidade de diversos povos indígenas que se dedicam ao trabalho manual e utilizam os elementos naturais como matéria-prima para a produção de artefatos que podem ser utilizados, vendidos ou até mesmo se tornam ferramentas de trabalho.

Nessa obra literária sobre o povo Munduruku também há imagens de outros objetos, como a canoa, um instrumento muito útil na região Amazônica, pois é um dos meios de transporte nos rios. Mourão, Uchôa e Borges (2020, p. 99) em sua pesquisa sobre a comunidade de Nogueira, localizada no município de Alvarães, no Amazonas, afirmam que: “Os instrumentos de trabalho formados pela canoa e o remo são a realeza que agregam as particularidades das regiões amazônicas [...]”. Ou seja, os instrumentos que eles produzem e utilizam são muito importantes para sua subsistência. Ademais, “Esses objetos são característicos das singularidades amazônicas, são elaborados por meio de saberes históricos” (Mourão, Uchôa; Borges, 2020, p. 99).

Em comparação com a população baniwa, apresentada e discutida por Meunier (2021, p. 9) em seu artigo, esse povo:

[...] conduz as mulheres a fabricar produtos artesanais, preparar as refeições (farinha e beiju) e os alimentos (salga para conservar o peixe e a caça). Participam também com os homens das atividades de lavoura e da pesca. Os homens preparam os campos, caçam, fabricam os instrumentos de pesca (anzóis, redes etc.) e às vezes de caça (zarabatana, arco e flecha etc.).

Ao conhecer um pouco mais sobre as diferentes comunidades da região amazônica, percebe-se que as atividades desempenhadas pela maioria dos povos são bem divididas entre eles, todos, desde a criança até o mais velho têm uma função em prol da comunidade. Por isso, voltando para a obra literária, outro ponto de discussão interessante são as rotinas e os hábitos do povo Munduruku retratados no livro. É possível observar em: “[...] é preciso esperar a noite com o corpo limpo, perfumado” (p. 7); “Todos nós tínhamos que fazer um respeitoso silêncio quando algum adulto, especialmente se fosse já um avô ou avó, falava. Eles falavam e a gente ouvia” (p. 15); “Na aldeia acordamos sempre muito cedo. É costume. Faz parte do nosso jeito” (p. 16); “Nossa gente gosta de ficar em casa, partilhar momentos. Voltar para casa é sempre uma festa” (p. 17); “É o momento de observarmos o lugar onde vivemos e conhecer os arredores” (p. 17); “Subimos no primeiro galho e ficamos ali chupando manga com farinha” (p. 22); “Numa aldeia, é papel do homem educar o menino nas artes de caça e pesca” (p. 32) “Como é hábito de nossa gente, antes de sair da aldeia os homens fizeram uma preparação cantando e dançando, pedindo proteção e sorte” (p. 33). Esses hábitos fazem parte da comunidade Munduruku, segundo o que foi apresentado no texto, todas as pessoas, desde crianças aprendem a segui-los.

Do mesmo modo, as crenças são essenciais para a cultura do povo: “[...] o sol já começava a iniciar sua descida para o mundo dos sonhos (p. 18)”; “Para o nosso povo é muito importante que a gente cresça e vá buscar sua própria trilha na floresta” (p. 19); “Nós consideramos os velhos e as velhas como gente muito sabida, pois são eles e elas que garantem que o mundo todo viva equilibrado” (p. 25); “Nosso povo acredita que todas as pessoas nascem pajés. Todos nós trazemos uma marca dentro da gente. É uma marca que nos diz que somos filhos de um mesmo Pai Criador. Que somos todos iguais, que somos todos pajés” (p. 25). É possível identificar que essas certezas que a comunidade Munduruku tem e compartilha para as crianças são crenças passadas por gerações e tornaram-se verdades de grande importância para o cotidiano do povo, relacionadas também ao sol, floresta, criação e natureza. Assim, acredita-se que:

Análise de conteúdo qualitativa da obra literária Catando Piolhos Contando Histórias: um estudo documental

[...] os povos da floresta não compartimentam nem categorizam o pensamento em componentes distintos, razão e emoção, mas fazem deles uma união para melhor entender a melodia dos pássaros, dos ventos, das águas escuras dos braços de rios do Amazonas e de todas as matas e florestas; ou para compreender o jogo misterioso entre a fauna e a flora que, na sua cadência, forma a cadeia ambiental da vida (Lima, 2008, p. 3).

As relações sociais apresentadas na obra também chamam atenção, pois é possível observar um destaque para a harmonia da família e comunidade. A relação que a criança Munduruku estabelece com os familiares é retratada com frequência: “[...] éramos recebidos com o saboroso alimento preparado por nossas mães” (p. 7); “Aquele era um exercício de participação na vida de nossa comunidade familiar” (p. 8); “[...] ficamos ouvindo nossa avó falar dos tempos em que ela ainda era menina” (p. 10); “[...] nossas mães [...] nos pegam no colo e se esquecem de tudo. Elas sabem que estamos cansados e que precisamos de um pouco de colo” (p. 17); “Ficamos totalmente entregues ao carinho mágico de nossas mães, que não param de nos acariciar a cabeça atrás dos teimosos piolhos” (p. 18); “[...] nossas avós [...] funcionam como “antenas” da comunidade, pois sabem ouvir e dar conselhos a todas as pessoas” (p. 37). De acordo com Grubits, Freire e Noriega (2009, p. 371) que discutem em seu trabalho acerca da comunidade indígena guarani-kaiowá localizada no Mato Grosso do Sul, afirmam que suas pesquisas: “apontaram para o diálogo como a principal forma de educar uma criança. A conversa, o uso de conselhos e a não-punição física foram observados na educação indígena [...]”. Conforme observa-se na obra que está sendo analisada, é perceptível essa valorização pelo diálogo entre os pais e as crianças e assim os ensinamentos e os conselhos são passados. Grubits, Freire e Noriega (2009, p. 373) destacam mais uma vez que na maioria dos casos nas comunidades indígenas, as crianças recebem atenção, respeito e carinho dos familiares. Ademais, o respeito é algo muito valorizado nessa relação entre pais e filhos, assim como entre os demais membros da comunidade:

Notamos que uma característica muito importante nessa população é o respeito com que ocorre esse processo, pois os pais indígenas não gritam com a criança, não batem, e, sim, conversam muito, tendo neste instrumento da linguagem, tanto corporal quanto verbal, o principal recurso para a educação de seus filhos, o que denota grande diferença para nossa população não-índia em relação à educação infantil (Grubits, Freire e Noriega, 2009, p. 372).

Além da relação com a família, é interessante notar a relação com outros membros da aldeia, pois ainda acerca da importância do uso da linguagem para o relacionamento entre as crianças e os adultos, também se observa na obra a figura do pajé fazendo uso da linguagem para ensinar os pequenos, assim como é destacado a busca pela vida em harmonia e o bem-estar de todos: “[...] contávamos para todos os adultos presentes tudo o que havíamos feito durante o dia” (p. 7); “Quem vive numa aldeia sabe que todos são responsáveis por tudo. Ninguém está isento de contribuir para que todos vivam bem [...]. É uma forma encontrada para que ninguém se arvore o direito de se achar melhor que o outro e quebre, por isso, a harmonia” (p. 10); “[...] tínhamos o apoio de nossos pais e a proteção de toda a comunidade” (p. 16); “Só se você quiser ser um grande guerreiro para seu povo” (p. 19); “[...] em nossa aldeia todos estamos ligados aos acontecimentos” (p. 21); “[...] somos uma família. Todos tomam conta de todos por aqui” (p. 21); “Gostamos das pessoas mais velhas e as respeitamos porque acreditamos que elas nos indicam um caminho que podemos seguir com passos seguros” (p. 25); “O pajé, no entanto, é mais sabido que todos os outros adultos. Ele sabe de coisas que a gente nem imagina. Fala com o mundo dos espíritos. Fala com as doenças para poder descobrir a cura. Ele sabe ficar muito tempo quieto. Sabe sonhar sem precisar dormir” (p. 25); “Sempre que possível o pajé reúne todas as crianças à sua volta e passa a contar histórias de antigamente. Conta coisas que foram vividas por nossos antepassados e que ajudaram o nosso povo a sobreviver até os dias de hoje [...]” (p. 26); “Um dia ele reuniu todos nós e nos contou como foi seu encontro com o espírito da onça” (p. 26); “É o homem que ensina e a comunidade toda educa” (p. 32); “Só que ele não estava ali apenas para tirar piolhos. Ele estava ali para contar histórias também” (p. 32). Conforme afirmam Becker, Rojas Nino e Weigel (2009, p. 59): “o pajé seria uma pessoa com muitos conhecimentos e habilidades úteis para a comunidade” e principalmente para a criança Munduruku, segundo o que foi observado na obra, ele é um contador de histórias que transmite muita cultura e ensinamentos. Pois, “pajés e anciãos são repositórios vivos da memória coletiva e orientam as famílias na educação dos filhos” (Gabriel, 2020, p. 149). O papel do pajé para a formação dos indivíduos e para a comunidade no geral é muito valorizado. Dessa forma, ele, os avós, tios, vizinhos, amigos, cada um desses membros da comunidade colaboram também para a formação e crescimento uns dos outros:

Análise de conteúdo qualitativa da obra literária Catando Piolhos Contando Histórias: um estudo documental

[...] pela existência da grande família, contribui para a transmissão de costumes, crenças, padrões morais e éticos. Percebemos [...] que a grande família tem um papel ativo e muito importante na educação e aprendizagem das crianças. A criança tem liberdade para participar livremente do cotidiano familiar, seus eventos, muitas vezes acompanhando os pais no seu trabalho doméstico ou na reserva (Grubits, Freire e Noriega, 2009, p. 373).

A partir dessa relação harmônica entre a comunidade, a cultura vai sendo ensinada e vivenciada, cada um com seu papel, executando sua função e transmitindo ensinamentos para aquele que acompanha e observa. Por fim, destaca-se mais um trecho acerca da valorização dada pelos membros da comunidade aos conhecimentos e conselhos passados uns para os outros, mas principalmente dos mais velhos para as crianças: “É porque coragem não é só enfrentar onças e surucucus, bichos ferozes ou espíritos da floresta. Coragem é a gente olhar para dentro de si mesmo e ser capaz de tomar as atitudes mais adequadas para viver bem. Compreendeu, meu neto?” (p. 39). A partir dos espaços de diálogo e convivência que as crianças Munduruku têm com os familiares e a comunidade, surgem ensinamentos como esse, que pode se encaixar em tantos outros contextos culturais e sociais e contribuem para a reflexão de cada leitor e leitora.

3 *Catando Piolhos, Contando Histórias nas aulas de língua portuguesa das turmas de 4º e 5º ano do Ensino Fundamental*

De acordo com a discussão realizada a respeito da identidade amazônica e a noção de pertencimento retratadas na obra literária analisada, observa-se a relevância dessa literatura para a sala de aula. No ano de 2018, essa obra foi enviada para muitas escolas do país, acredita-se, portanto, na riqueza cultural que foi apresentada a muitos estudantes brasileiros a partir dessa leitura. De acordo com Dantas (2023, p. 41), “precisamos, antes, pensar a literatura como espaço dialógico-reflexivo, de expressão e de enunciação. E é isso que deve pautar nossas ações nos espaços escolares”. Desse modo, entende-se que a literatura em sala de aula tem potencial para abrir espaços para diálogos e reflexões e ainda contribuir para uma educação humanizadora.

Em vista disso, é importante compreender quais atribuições alguns documentos oficiais apresentam acerca do ensino fundamental. De acordo com o Art. 26. da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), número 9.394, de 20 de dezembro de 1996:

Art. 26. Os currículos do ensino fundamental e médio devem ter uma base nacional comum, a ser complementada, em cada sistema de ensino e estabelecimento

escolar, por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e da clientela.

Portanto, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) foi estabelecida no ano de 2017 com base na LDB. Dentre as competências propostas pela BNCC para o Ensino Fundamental, destaca-se: “Reconhecer o texto como lugar de manifestação e negociação de sentidos, valores e ideologias” (BRASIL, 2017, p. 87). Logo, pode-se perceber que a obra *Catando Piolhos, Contando Histórias* pode ser um espaço para esse reconhecimento, a partir das narrativas que a compõem e seus sentidos, valores e ideologias manifestados. Além disso, outra competência destacada é:

Envolver-se em práticas de leitura literária que possibilitem o desenvolvimento do senso estético para fruição, valorizando a literatura e outras manifestações artístico-culturais como formas de acesso às dimensões lúdicas, de imaginário e encantamento, reconhecendo o potencial transformador e humanizador da experiência com a literatura (Brasil, 2017, p. 87).

A obra analisada, mais uma vez, pode ser considerada como um ótimo exemplo de literatura para que essa competência citada acima seja trabalhada em sala de aula. Santos, Santos e Sicsú (2015, p. 2) destacam que: “A literatura infantojuvenil amazonense traz as muitas representações do imaginário local: “É [...] nesta literatura que os mitos, as lendas e os costumes do povo amazônico são representados por narrativas fabulosas, que transmitem ideários sobre o espaço amazônico e de quem nele vive”. Destaca-se, por isso, que essa obra literária, na qual apresenta a região amazônica, é considerada tão importante para o processo de ensino e aprendizagem e pode ser enriquecedora também para os estudantes de escolas que pertencem à essa região. Afinal, Dantas (2023, p. 41) mais uma vez destaca que:

[...] a literatura indígena deve tomar lugar no centro de nossos debates, dado que diz sobre nós, sobre nossas histórias, sobre nossos espaços de existência e coopera, dessa feita, para a desconstrução de uma perspectiva de saber que, por tantos séculos, assumiu como discurso de verdade somente as epistemologias europeias.

Com base nisso, acredita-se na importância de compreender sobre a região em que se vive, os povos que a compõem e a identidade, especificidades e aspectos culturais que carregam consigo. Por isso, embora o livro em destaque nessa pesquisa tenha tido a sua primeira publicação há dezoito anos, pode ser considerado como atual devido a pertinência dos seus temas. Outras obras do autor Daniel Munduruku e de outros autores indígenas, conforme consta no quadro 2, também compreendem e apresentam a região amazônica.

Análise de conteúdo qualitativa da obra literária *Catando Piolhos Contando Histórias: um estudo documental*

Quadro 2 – Exemplos de obras literárias infantojuvenil sobre região amazônica

Título	Autor/a	Ano de publicação	Editora
Guayarê: o menino da aldeia do rio	Yaguarê yamã	2019	Biruta
Tapajós	Fernando Vilela	2014	Brinque-Book
Abaré	Graça Lima	2009	Paulus
As serpentes que roubaram a noite	Daniel Munduruku	2001	Peirópolis
Falando tupi	Yaguarê yamã	2012	Pallas
A boca da noite	Cristino Wapichana	2016	Zit
Amazonas: Águas, Pássaros, Seres e Milagres	Thiago de Mello	1998	Salamandra
Contos e lendas da Amazônia	Reginaldo Prandi	2022	Companhia das Letrinhas
Puratig: o remo sagrado	Yaguarê Yamã	2001	Peirópolis
Manual das crianças do Baixo Amazonas	Marie Ange Bordas	2015	Projeto Tecendo Saberes
Diário das águas	Gabriela Romeu e Kammal João	2022	Peirópolis
Espinho de arraia	Roger Mello	2022	Global
Kunumi guarani	Wera Jeguaka mirim	2014	Panda books
Kabá darebu	Daniel Munduruku	2002	Biruta
A origem do beija flor	Yaguarê Yamã	2012	Peirópolis
A pescaria do Curumim e outros poemas indígenas	Tiago Hakiy	2015	Panda Books
Contos dos curumins Guaranis	Jaguaká Mirim e Tupã Mirin	2014	FTD Educação
De Bubuia com Vovó Anica	Lucia Tucuju e Luciana Grether	2023	Rebuliço

Fonte: os autores (2024)

As obras literárias infantojuvenis apresentadas no quadro acima são alguns exemplos de materiais que também trazem a região amazônica como temática, apresentam a natureza, os povos, mitos, lendas, aspectos culturais e sociais de diferentes comunidades que pertencem à região. Inclusive podem ser utilizadas também no cotidiano escolar, pois têm potencial para enriquecer os conhecimentos dos estudantes acerca da Amazônia. Santos, Santos e Sicsú (2015, p. 3) afirmam que:

A literatura infantojuvenil é tão rica e significativa quanto a literatura destinada ao público adulto. Como qualquer obra literária esta literatura é também conhecimento, pois traz em seu conteúdo ideologias, representações culturais e o contexto histórico de um lugar. Além de ser uma literatura que permite aos leitores o conhecimento de outros tempos e de outras culturas.

Alguns desses livros já foram publicados há muitos anos, mesmo assim ainda não são tão conhecidos e trabalhados nas escolas da região amazônica e do restante do país, acredita-se que essa é uma questão que precisa continuar sendo discutida e construída ao longo da formação e prática de professores e professoras, pois de acordo com algumas das habilidades

propostas pela BNCC para as turmas de 3º ao 5º ano do ensino fundamental, é importante como objeto de conhecimento a formação do leitor literário, para que os estudantes possam: “(EF15LP15) Reconhecer que os textos literários fazem parte do mundo do imaginário e apresentam uma dimensão lúdica, de encantamento, valorizando-os, em sua diversidade cultural, como patrimônio artístico da humanidade” (Brasil, 2017, p. 97).

Outra habilidade importante a ser desenvolvida pelos estudantes e que diz respeito ao objeto de conhecimento da escrita autônoma é: “(EF35LP26) Ler e compreender, com certa autonomia, narrativas ficcionais que apresentem cenários e personagens, observando os elementos da estrutura narrativa: enredo, tempo, espaço, personagens, narrador e a construção do discurso indireto e discurso direto (Brasil, 2017, p. 133)”. Então, conteúdos como a formação do leitor literário, escrita autônoma e os temas: identidade, preservação ambiental, diversidade cultural e social podem ser levados para a sala de aula a partir da leitura de *Catando Piolhos, Contando Histórias*.

Uma vez que a obra discutida no presente artigo coloca “[...] em movimento outras possibilidades para pensar não apenas a vida indígena, como também a vida daqueles que, em geral, observam os índios com lentes culturais eurocêntricas” (Bonin, 2010, p. 50), acredita-se ser possível pensar na importância do tema identidade e cultura no currículo de todas as disciplinas assim como língua portuguesa. Por muito tempo e mesmo hoje em dia muitos estudantes carregam visões equivocadas acerca dos povos originários. Até mesmo o termo ‘índio’ não deveria ser usado para se referir aos indígenas. A partir de um trabalho de desconstrução de muitos autores, pesquisadores, professores e outros, isso vem sendo modificado aos poucos. Por isso, o livro *Catando Piolhos, Contando Histórias* pode ser considerado como uma obra literária pertinente para a educação básica, especialmente para as turmas de 4º e 5º ano do Ensino Fundamental para:

Que, no fim, fiquemos, então, com as ferroadas dos piolhinhos da inquietação existencial, incomodando-nos para nos fazer querer contar histórias e, por meio delas, compartilhar com nossos alunos um pensar sobre as coisas do mundo, tão necessário para que se possa assumir a posição de sujeito no caminhar da vida (Dantas, 2023, p. 42).

Logo, cabe às instituições de ensino e aos professores buscar por uma educação humanizadora e emancipadora, que desenvolva os estudantes e os permita alcançar altos níveis cognitivos. Portanto, os currículos escolares junto às propostas dos professores em sala

Análise de conteúdo qualitativa da obra literária Catando Piolhos Contando Histórias: um estudo documental

de aula são fundamentais ao pensar na formação de cada estudante, pois “faz parte de sua tarefa docente não apenas ensinar os conteúdos, mas também ensinar a pensar certo”. (Freire, 2015, p. 29). Considerando esse processo de ensino aprendizagem, acredita-se, mais uma vez, que o livro apresentado e discutido, assim como as literaturas indígenas infantojuvenis citadas também podem contribuir para uma educação voltada para a formação de cidadãos.

4 Considerações finais

Observa-se a partir da discussão realizada, que o livro *Catando Piolhos, Contando Histórias* do autor Daniel Munduruku é uma obra de notável relevância para além das aulas de língua portuguesa das turmas de 4º e 5º ano do Ensino Fundamental. É relevante que a Amazônia, sobretudo a cultura indígena seja apresentada para os estudantes de outras regiões do país que ainda não conhecem e até mesmo para estudantes da região. Acredita-se ser importante que a região amazônica seja conhecida como ela realmente é, a partir também de um olhar que a valorize e apresente suas especificidades.

Por meio da análise realizada da obra foi possível identificar que há elementos culturais e sociais que fazem parte do povo indígena Munduruku. Esses elementos dizem respeito ao seu modo de viver e de pensar. A relação com a natureza, suas crenças, hábitos e as relações sociais com os familiares e a comunidade, cada um desses aspectos enriquecem a literatura e apresenta para os leitores e leitoras uma visão adequada sobre um dos muitos povos que faz parte da realidade amazônica. A identidade e a noção de pertencimento surgem, então, a partir dos elementos que constituem o povo Munduruku, aquilo que acreditam, obedecem, admiram e respeitam forma cada indígena dessa comunidade.

Por fim, acredita-se que os objetivos do trabalho foram contemplados na medida em que foram analisados conceitos relacionados à identidade amazônica no livro *Catando Piolhos, Contando Histórias* e destacado sua relevância para as aulas de língua portuguesa. Além de discutir a noção de pertencimento a partir dos elementos sociais e culturais, apresentados na obra literária, analisando as categorias identificadas no livro, relacionando-as a conceitos que dizem respeito a identidade amazônica e por fim discutindo a relevância desse livro para as aulas de língua portuguesa.

Referências

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. 3. reimp. 1. ed. Tradução de Luís Antero Reto e

Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2016.

BECKER, Maria Alice; ROJAS NINO, Carlos Guillermo; WEIGEL, Valeria. Pesquisa na área Sateré-Mawé: a descoberta de talentos indígenas. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 13, p. 55-63, 2009. Disponível em: scielo.br/j/pee/a/HZ8tK78sYxhZFkdFsfwyBRx/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 10 ago. 2024.

BONIN, Iara Tatiana. Literatura Infantil de autoria Indígena: diálogos, mesclas, deslocamentos. **Currículo sem Fronteiras**, v. 12, n. 1, p. 36-52, 2012. Disponível em: <https://www.curriculosemfronteiras.org/vol12iss1articles/bonin.pdf>. Acesso em: 13 ago. 2024.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, LDB. 9394/1996.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2017.

COLARES, Maria Lília Imbiriba Sousa; PEREZ, José Roberto Rus; CARDOZO, Maria José Pires Barros. **Educação e Realidade Amazônica**. 1. ed. Uberlândia/MG: Editora Navegando, 2018.

DIEHL, Eliana Elisabeth; LANGDON, Esther Jean; DIAS-SCOPEL, Raquel Paiva. Contribuição dos agentes indígenas de saúde na atenção diferenciada à saúde dos povos indígenas brasileiros. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 28, p. 819-831, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/3Xt69bM6z9KWjtbSfJP3fMM/>. Acesso em 5 ago. 2024.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. Saberes necessários à prática educativa. 51. ed. Rio de Janeiro: Paz e terra, 2015.

FREITAS, Marcilio; FREITAS, Marilene Correa da Silva. Science, Religion and Amazonia: Education for Sustainability. **International Journal of Environmental & Science Education**, v.13, n.3, p.275-293, 2018. Disponível em: [IJESE_2036_article_5b1e926c985fc.pdf](https://www.ijese.com/2018/03/05/ijese_2036_article_5b1e926c985fc.pdf). Acesso em: 3 ago. 2024.

GABRIEL, Maria Alice Ribeiro. Os contadores de histórias na obra de Daniel Munduruku. **Contexto-Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFES**, n. 37, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/contexto/article/view/30160>. Acesso em: 26 ago. 2024.

GRUBITS, Sonia; FREIRE, Heloisa Bruna Grubits; NORIEGA, José Angel Vera. Influência de aspectos sociais e culturais na educação de crianças indígenas. **Psico-Ufsc**, v. 14, p. 365-374, 2009. Disponível em <https://www.scielo.br/j/pusf/a/yNhskBtWdfgc6S3jDSZjP5J/>. Acesso em: 20 ago. 2024.

LIMA, Elane Andrade Correia. Diálogos com a natureza, saberes dos povos da floresta amazônica. **IV ENECULT-Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura**, v. 28, 2008. Disponível em [14454.pdf \(ufba.br\)](https://www.ufba.br/ufba/ver/publicacao/14454). Acesso em: 15 jul. 2024.

MEUNIER, Olivier. Inter/transculturalidade na Amazônia: educação bilíngue intercultural entre os baniwa-coripaco. **Revista Amazônica**: Revista do Programa de Pós-Graduação em

Análise de conteúdo qualitativa da obra literária *Catando Piolhos Contando Histórias: um estudo documental*

Educação da Universidade Federal do Amazonas, v. 6, n. 01, p. 01-24, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufam.edu.br/index.php/amazonida/article/view/8819>. Acesso em: 2 ago. 2024.

MOURÃO, Arminda Rachel Botelho; UCHÔA, Iraci Carvalho; BORGES, Heloísa da Silva. A materialidade do trabalho em territórios das águas, terras e florestas da Amazônia. **Revista Trabalho Necessário**, v. 18, n. 37, p. 94-114, 2020. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/trabalhonecessario/article/view/46279>. Acesso em: 8 ago. 2024.

MUNDURUKU, Daniel. **Catando piolhos, contando histórias**. São Paulo: Brinque-Book, 2006.

RODRIGUES, Adriana Cristina Aguiar; CALDAS, Edla Cristina Rodrigues; SIMÕES, Lucila Bonina Teixeira; DANTAS, Priscila Vasques Castro (org.). **Literatura indígena: práticas leitoras para a sala de aula**. 1. ed. Rio Branco: Edufac, 2023. p. 159. Disponível em: <https://riu.ufam.edu.br/handle/prefix/7173>. Acesso em: 18 jul. 2024.

RODRIGUES, Carmen Izabel. Caboclos na Amazônia: a identidade na diferença. **Novos cadernos NAEA**, v. 9, n. 1, 2006. Disponível em: <https://periodicos.ufpa.br/index.php/ncn/article/view/60>. Acesso em: 27 jul. 2024.

SANTOS, Francisco Bezerra. SANTOS, Noelma Cidade. SICSÚ, Delma Pacheco. Presença da Literatura Infantojuvenil Amazonense nas Escolas e no Espaço Virtual. In: XIV Congresso Internacional ABRALIC, 2015. Manaus. **Anais**. Manaus: UEA. Disponível em: [2015_1456147082.pdf \(abralic.org.br\)](https://www.abralic.org.br/2015_1456147082.pdf). Acesso em: 10 jun. 2024.

SILVA, Domingas Machado. et al. Dificuldades enfrentadas pelos indígenas durante a permanência em uma Casa de Saúde Indígena na região Amazônica/Brasil. **Saúde e Sociedade**, v. 25, n. 4, p. 920-929, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sausoc/a/JVXs4q3qbJQJPKhpHY4YJrK/abstract/?lang=pt> Acesso em: 4 ago. 2024.

SILVA, Simone Souza da Costa. **Estrutura e dinâmica das relações familiares de uma comunidade ribeirinha da região amazônica**. 2006. 333 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade de Brasília, Brasília, 2006. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/handle/10482/2265> Acesso em 20 jul. 2024.

SOUSA, Eli Conceição de Vasconcelos Tapajós. COLARES, Anselmo Alencar. 2022. Amazônia brasileira: educação e contexto. **Revista Amazônica: Revista Do Programa De Pós-Graduação Em Educação Da Universidade Federal Do Amazonas**, v. 7, n. 01, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufam.edu.br/index.php/amazonida/article/view/10633>. Acesso em: 13 ago. 2024.

Nota

ⁱ “Esta região abriga a área de maior diversidade social e biodiversidade do mundo e abriga um terço das florestas tropicais e um quinto da água doce da superfície da Terra”.

Agradecimentos

Este trabalho foi apoiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (FAPEAM) e pela Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Agradece-se à Universidade Federal do Amazonas – UFAM e ao Programa de Pós-graduação em Educação–PPGE.

Sobre os autores

Andressa Aline de Queiroz Sena

Mestranda em Educação pelo Programa de Pós Graduação em Educação (PPGE/UFAM); Especialista em Tecnologias Educacionais e Educação a Distância pelo Instituto Federal de Goiás (2023); Licenciada em Letras - Língua e Literatura Portuguesa pela Universidade Federal do Amazonas (2022); Licenciada em Pedagogia pela Faculdade Uniasselvi (2023); Participou do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) em 2020 a 2021 (Voluntária); Participou como bolsista (CAPES) do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), de 2018 a 2020. E-mail: andressaqueirozzzz7@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1182-2221>

Fabrcio Valentim da Silva

Graduação em Pedagogia pela Universidade Federal de Viçosa (2004) e Mestrado em Educação pela Universidade Federal de Uberlândia (2007), Doutor em Educação - Université de Montréal (2019), Professor Associado I no Instituto de Ciências Exatas e Tecnologia da Universidade Federal do Amazonas (ICET/UFAM); Professor Colaborador do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da FACED/UFAM. Atuando principalmente nas questões de Análise de conteúdo qualitativa de livros didáticos, Educação de Jovens e Adultos, História da Educação, Política, Educação e Cidadania e Educação Patrimonial. Coordena o curso de Pedagogia ICET UFAM. E-mail: fvalentims@ufam.edu.br ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8721-7103>

Márcio de Oliveira

Professor Adjunto na Universidade Federal do Amazonas (UFAM/Câmpus Manaus). Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da UFAM. Doutor em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Maringá (PPE/UEM). Mestre em Educação (PPE-UEM). Pedagogo pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). Subchefe do Departamento de Administração e Planejamento (DAPLAN) da Faculdade de Educação (FACED) da Universidade Federal do Amazonas (UFAM) (2019 - 2021). Coordenador Adjunto Institucional do Programa Nacional de Formação de Professores da Educação Básica (PARFOR/UFAM) (atual). E-mail: profmarciooliveira@ufam.edu.br ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4706-2930>

Recebido em: 11/09/2024

Aceito para publicação em: 21/10/2024